



Billy Bones



No tempo em que eu era guarda de farol descobri, numa tarde de dezembro, um velho livro num baú que deu à costa na praia. As letras douradas do título estavam quase apagadas: *A Ilha do Tesouro*. Do autor apenas se conseguia ler os dois primeiros nomes: Robert Louis.

O céu estava a ficar carregado de nuvens ameaçadoras. Regressei ao farol, acendi um belo fogo na lareira e fiquei surpreendida por me apetecer rum. Servi-me de um copo, instalei-me na minha poltrona com o velho roupão escocês e abri o livro.

Que decepção! As páginas estavam cobertas de bolor ou roídas pelos ratos. Só o papel das ilustrações tinha resistido. Consolei-me a contemplar a primeira ilustração: um marinheiro rude do século XVIII, com uma cicatriz na face, observava o mar com um óculo de cobre no alto de uma falésia batida pelos ventos. Alguém tossiu atrás de mim. Intrigada, volvei-me e vi a personagem da gravura avançar para a lareira, enquanto um forte cheiro a maresia se misturava com o cheiro do lume.

“Obrigado por me ter feito subir à ponte – resmungou ele. – Lá dentro tresanda a bafio. E, acredite, isso é difícil para um marinheiro habituado aos ares do mar alto.”

Indicou o livro com um movimento do queixo mal barbeado:

“Os ratos, hem? Eu ouvia-os a roer no fundo do porão!”

O aspeto do homem era de assustar uma dama sozinha, e até várias damas reunidas. Mas o rum dava-me coragem.

“Quem... quem é o se...nhor?”, articulei num murmúrio.

Ignorando a minha pergunta, ele fez um novo movimento com o queixo, agora em direção à garrafa de rum: